

6 Conclusão

Estou ciente de que as conclusões provisórias a que chegamos nessa dissertação de modo algum refletem um consenso sobre os temas abordados, e de que estas são as conclusões que foram decantando a partir de escolhas realizadas ao longo do caminho. A leitura dos textos sobre os assuntos discutidos é uma dentre muitas leituras possíveis e, conseqüentemente, a conclusão carregará a marca dessa escolha.

Nossa pergunta inicial consistia em localizar os pontos de aproximação e de distinção existentes entre o discurso da ciência e a psicose. Não se trata, obviamente, de uma analogia escolhida aleatoriamente, mas sim porque já dispúnhamos de algumas “cartas na manga” como a identidade da operação lógica em ambas – a foracclusão, e pelo paralelo entre elas lançado por Lacan aqui e acolá em sua obra (1965: 884). Traçamos uma trajetória linear passando pelo sujeito da ciência e o da psicanálise, pelos fundamentos da ciência moderna, pela foracclusão do Nome-do-Pai na psicose e pela foracclusão do sujeito na ciência, para conseguirmos estabelecer as comparações entre uma e outra. Em cada passo, algumas considerações ganharam um contorno maior, são estas que trago como conclusão, não esquecendo de, ao final, trazer também o que ainda está por concluir.

Iniciamos com uma discussão sobre o sujeito da ciência e o da psicanálise que nos autorizou a diferenciar o sujeito da psicanálise do *eu* (Lacan, 1957:521). Se nos acercamos das leis da linguagem para tentar localizar o sujeito, o mais perto que conseguimos chegar disso foi situá-lo a partir do célebre aforismo lacaniano de que um sujeito é o que um significante representa para outro significante (Lacan, 1970: 411), em um intervalo, *entre* os significantes.

As leis da linguagem e as exigências para a construção do que veio a ser o sujeito da ciência nos informam de que o sujeito da psicanálise não tem consistência,

não tem centro nem uma boa forma: ele é furo, um vazio, o que nunca cabe na articulação entre os significantes. Referimo-nos ao sujeito da psicanálise como um ponto não articulável, como impossível, por ele desempenhar a função fundamental de compor e sustentar a estrutura.

Ensaíamos algumas conseqüências possíveis dessa concepção de sujeito seguindo M. A. Vieira e afirmando que a superfície, o corpo, assim como o *eu* não estão dados a priori, mas são efeitos de uma operação que faz do todo mais do que a soma de suas partes porque esse corpo tem na sua composição algo que está além dele que lhe confere vida. É esse além, esse impossível que introduz a contingência, o inesperado, a originalidade na vida.

A contingência incutida pelos falsificacionistas – aqui representados por Popper, às concepções científicas é extinta e todas as leis científicas deixam de portar uma limitação inicial que as engendrou para se tornarem necessárias (Milner, 1996). Qual o lugar que a contingência pode ter dentro de uma *Weltanschauung* que parte do postulado de que o universo todo é totalmente teorizável? Se tudo o que há, todo o campo empírico é matema com leis e estrutura acessíveis, existe algum vazio, algum ponto cego diante do qual essa ciência seja impotente? A resposta é negativa, pois vimos no segundo capítulo que na ciência não há lugar para o imponderável e podemos nos juntar à Lacan em sua afirmação sobre a forclusão do sujeito na ciência.

A partir da teoria da psicose em Freud e Lacan foi possível notar a radicalidade e os efeitos da forclusão do Nome-do-Pai, circunscrevendo-o como significante que organiza aquilo que é caótico e disperso dando contornos ao furo sem extingui-lo (Lacan, [1955-56]: 303). Mas, da mesma forma que sublinhamos as conseqüências da forclusão do Nome-do-Pai ressaltamos que, de modo algum, devemos supor que o impossível não exista, visto que na psicose há a chance do sujeito encontrar articulações alternativas, impossíveis *improvisados* diante da falta desse significante. Se a metáfora paterna não pôde operar e o psicótico não dispõe do Nome-do-pai para se situar na existência, ele terá de fabricar uma referência sem esse suporte.

A fabricação artesanal de uma verdade própria pelo psicótico produz uma verdade sem brechas, de cunho imaginário, diferente da verdade no infinito sustentada pelo Pai (Lacan, 1958: 584; [1975-76]: 23). O impossível inerente à estrutura da linguagem é forcluído na psicose e isso se apresenta em alguns fenômenos

psicóticos que evidenciam uma junção entre significante e significado - manobra que a estrutura psicótica possibilita (Lacan, [1955-56]: 17).

Na psicose assim como na ciência há a *Unglauben* (Lacan, [1959-60]: 163), a não-crença no Pai, o que desemboca em uma apresentação de impossível, não como vazio, mas como significação, de forma eminentemente imaginária e, como ilustração dessa figuração imaginária do impossível na psicose, lançamos mão do delírio (Lacan, [1955-56]: 104). Desta forma foi possível que concluíssemos que tanto o postulado delirante quanto o postulado científico são, um modo de fazer com o furo que, diferentemente da neurose, não se sustentam no binômio culpa-impotência. Ao inscrevermos a neurose como submetida à norma fálica, indicamos que nela a potência absoluta estará proibida porque o acesso a esta estará sob o domínio do Pai. Na psicose não encontramos essa impotência porque o impossível ganha significação e passa a ser explicável, acessível, mesmo se figurado como um Outro absoluto. A ciência, por sua vez, não concebe qualquer limitação externa para suas fórmulas, não há exceção para o alcance de seu discurso e isso vai repercutir na maneira como a ciência se dirige ao mundo.

Vale lembrar que neste ponto também encontramos uma distinção entre a ciência e a psicose porque vimos que, se por um lado o discurso da ciência dispensa os dados sensíveis para construir suas equações, ela restabelece a relação com o empírico quando ela passa de discurso à aplicação, ou seja, do discurso da ciência à prática científica (Milner, 1995). A ciência parte de um discurso – este sim, total, sem brechas, entretanto ela precisa retornar ao mundo para a aplicação da lei pelo cientista. Nesse segundo momento de aplicação prática, com seus objetos e fazeres concretos, há uma retomada da relação entre a prática científica e o mundo na qual importam as respostas que o mesmo possa oferecer às leis científicas

A “sociedade líquido-moderna” de Bauman nos serviu como ilustração da ação do discurso científico sobre a cultura e sobre os encaminhamentos dados como resposta à forclusão do sujeito. Podemos dizer que são respostas que buscam a construção de uma consistência pelo consumo ou pela busca incessante de sensações, por exemplo. Seguimos aqui a aproximação empreendida por J. A. Miller entre a pós-modernidade e a generalização de um modo de subjetividade em que o vazio estrutural inexistente.

Apesar dos perigos de “aplicar” a aproximação empreendida por Lacan à realidade de nossos tempos, tomar a clínica da psicose como norte para as reflexões

sobre a posição da psicanálise na modernidade serviu para chegarmos a algumas advertências. Como já é sabido na clínica psicanalítica das psicoses, tentar promover uma implicação do psicótico a partir de uma suposição de saber no Outro, que depende do Nome do Pai, é uma posição que raramente tem efeitos interessantes. Tentar resgatar o que sofreu forclusão, trabalhar como se o que o sujeito psicótico precisasse de “conserto” e pudesse “aceitar” a crença em algo superior que legitimaria a realidade compartilhada é tolice.

Talvez tão ineficaz quanto querer adaptar a psicose, seja tentar pregar a importância da falta, do vazio, enfim de um impossível estruturante para a sociedade moderna. Confrontar a cultura com a importância de uma lacuna, de um intervalo na satisfação será difícil de ser compreendido podendo chegar a despertar a antipatia de todos com um discurso tão radical e *démodé*. No discurso da ciência não há lugar para a psicanálise se ela for a terapia do vazio ou, como afirma Lacan, da “mistagogia do não-saber” (Lacan, 1973: 358). Querer que a ciência dê lugar para a psicanálise e, conseqüentemente, para o sujeito talvez seja de uma ingenuidade semelhante a de querer convencer o psicótico de que seu postulado delirante é um engano.

Mais importante do que dizer que estas intervenções não funcionam nem diante da ciência nem diante da psicose, é observarmos que elas não correspondem ao entendimento da psicanálise sobre essas situações e não são, nem de longe, o que a psicanálise pode ofertar de mais interessante. Freud ao insistir nos mecanismos de defesa como sendo inseparáveis de seu retorno e Lacan ao situar o Nome-do-Pai como uma dentre outras articulações possíveis nos libertam da função de *guardiões do impossível* porque esclarecem que viver com o vazio não é a única nem necessariamente a melhor maneira de se estar na vida.

A clínica de Freud se estendeu principalmente sobre as complicações de se portar um furo, sobre o sofrimento de seus pacientes nos seus encontros com a sua impotência. Causa impacto o encontro com a psicose porque através dela é possível perceber que se vive sem a impotência, que é possível viver de maneira diferente desta. Esses encaminhamentos não serão inferiores ao da neurose, trarão suas conseqüências, tais como o recalque já mostrou as suas (Freud, 1908: 169). Não se trata de banalizar as dificuldades do psicótico estar no social. Dissemos que há um preço a se pagar para viver sem impotência e quem trabalha em saúde mental tenderá a dizer que este é um preço alto.

Além de nos alertar sobre os limites das nossas intervenções, a analogia do discurso científico com a psicose nos traz a chance de refletir sobre os caminhos possíveis para a psicanálise. A função de “secretário do alienado” nos dá a dica de que nossa posição é de recolher a maneira como se constitui esse sujeito, de que maneira ele se posiciona diante da linguagem, por que vias ele goza.

O objetivo principal desta dissertação era avançar nas minhas reflexões sobre a ciência, mas, no momento de concluir essas reflexões, pelo menos por ora, percebo que questões cruciais sobre a clínica da psicose também ganharam terreno entre as minhas dúvidas. O paralelo entre ciência e psicose em vez de ser uma relação na qual a psicose viria para esclarecer este campo mais árido que é a discussão sobre modernidade, configurou-se como meio no qual a ciência pôde servir como questionamento ao que eu dizia sobre a psicose e vice-versa.

Trabalhar na saúde mental, no Hospital Psiquiátrico de Jurujuba em particular, convocou-me a um esforço em localizar o que é específico da estrutura psicótica em cada paciente e somente a partir de uma prática como essa é que as reflexões contidas nessa dissertação sobre a psicose fizeram sentido. A lida diária com a psicose em conjunto com os espaços destinados a discussão sobre a clínica feita cotidianamente serviu como elemento vivo que questiona e impulsiona a construção do texto. O trabalho na construção desta dissertação, por sua vez, pôde introduzir diferenças no retorno à prática clínica junto à psicose porque para permitir que as minhas concepções sobre a ciência mudassem, eu tinha que mudar o que já estava instituído para mim sobre a psicose.

O tom dessas mudanças que venho citando é, como anunciei na introdução, de otimismo. O deslocamento de uma posição inconformada e alarmista para uma atitude capaz de levar em conta as múltiplas possibilidades de o sujeito estar no mundo, já abre vias de trabalho antes obstruídas. Como exemplo de um caminho que se abre adiante figura o recolhimento de situações que reflitam as questões da modernidade, isto é, que sejam uma repercussão do discurso científico para, a partir do particular, avançar sobre os impasses com os quais os sujeito são confrontados, bem como com as soluções que se delinearão nesses novos tempos.